

A BIBLIOTECA PORTÁTIL DO ESPANTO

Entre a chaleira que assovia e o barulho do trânsito lá fora, a mesa vira observatório. Não é grande: cabe um par de xícaras, o pão amanhecido, e um punhado de livros que, quando empilhados, parecem um arranha-céu de papel. Gosto de pensar que cada um é uma janela acesa. A cidade ainda está sonolenta, mas as páginas — essas — já trabalham cedo.

Pego o volume mais fino e o mais famoso, como quem consulta o relógio antes de sair: um tal de *Uma Breve História do Tempo*. Ele me lembra que o mundo, apesar do nome, não tem pressa. O tempo faz alongamento, aquece os músculos do espaço, e só depois é que nos empurra rua afora. Hawking, num canto da mesa, controla o metrônomo invisível que dita a cadência do dia. “Calma”, ele parece dizer. “Até a luz leva tempo.”

Ao lado dele, *Cosmos* abre a janela da sala sem pedir licença. Sagan tem esse talento de transformar poeira em poesia. De repente, a rua deixa de ser a rua e vira braço espiral de galáxia. O ônibus que passa é um cometa disciplinado, o vendedor de pão um astrofísico doméstico que mede, no olho, a constante de Hubble do bairro: o quanto tudo se afasta quando o forno esquentar. Quando Sagan fala, as coisas cotidianas ganham legenda — e a legenda é sempre “nós”, “nossa casa”, “nossa espécie”, como se a crônica do universo coubesse numa mesa de café.

Mas o mundo não é só céu. No parapeito da janela, um pardal estica o pescoço e, se Darwin pudesse, anotaria. *A Origem das Espécies* não tem o charme cintilante de uma supernova; é um caderno de campo persistente, desses que levam lama e maresia entre as páginas. Ensina que o milagre tem calos, que a vida improvisa variações como quem aprende um sotaque novo. A beleza não mora no “portanto” final — mora no “talvez” repetido, nesse ensaio constante que as asas fazem contra o vento.

Abro, então, *A Estrutura das Revoluções Científicas* e fico com a impressão de que a estante trocou a ordem dos livros sozinha. Kuhn tem o humor dos bibliotecários que reordenam o mundo com etiquetas. Ele sussurra que o que chamamos de “verdade” também tem épocas, moda, mudança de estação. Paradigmas são móveis pesados: quando a gente resolve arrastá-los, descobre poeiras antigas debaixo — e, às vezes, moedas perdidas. Você muda o lugar do sofá e, pronto, a sala vira outra. A ciência é isso: outra sala para a mesma casa.

No centro da mesa, *O Gene Egoísta* e *O Gene: Uma História Íntima* conversam como dois espelhos que se miram. Dawkins fala com a segurança de quem

aprendeu a ler a gramática da sobrevivência; Mukherjee, com a ternura de quem percebeu que cada verbo dessa gramática conjuga pessoas. O primeiro nos diz que somos estratégias ambulantes; o segundo lembra que estratégia também chora, ama, escolhe, sofre. E eu me pego pensando que, se o destino está escrito nas linhas do DNA, a margem do caderno continua inteira para as anotações à mão — a caligrafia trêmula da liberdade.

Entre eles, entra sem bater *O Código Genético*, com o velho orgulho laboratorial de quem viu a hélice subir ao palco. Watson veste avental branco e traz um molho de chaves. Abre portas. Nem todas deveriam ser abertas sem conversa — e ele mesmo sabe disso. Porque, à medida que destrancamos genes, precisamos girar outras chaves: as da prudência, da justiça, da delicadeza. A técnica é um fósforo; ética é a mão que decide onde riscar.

Do outro lado, *O Universo Numa Casca de Noz* pousa como quem traz um brinquedo de feira. Hawking volta, agora mais bem-humorado, e me entrega o cosmos em miniatura. O universo cabe na palma, mas só se a palma aceitar não entender tudo. A ignorância, nesse caso, é uma forma de respeito. Há mistérios que não querem ser resolvidos, apenas cortejados.

E, antes que a chaleira esfrie, *O Tao da Física* ergue uma sobrancelha oriental sobre o caos da mesa. Capra não está interessado em unificar equações — quer unificar olhares. Põe o átomo para dançar com um koan e me lembra que, às vezes, o melhor jeito de seguir em frente é dobrar a esquina devagar, como quem faz uma reverência. A física e o zen se curvam uma para a outra, não por submissão, mas por delicadeza: reconhecer o outro é reconhecer um pedaço nosso que estava de costas.

A cidade, lá fora, já entrou no ritmo. Os carros viram partículas obedecendo a semáforos-leis, as pessoas, campos de probabilidade caminhando com sacolas. Penso que esses dez livros — esses dez jeitos de dizer “olhe melhor” — não são uma lista de compras; são uma cartografia da curiosidade. Eles me ensinam que a ciência é uma forma de amor que recusa a fantasia fácil, mas não abdica do encantamento. Ama perguntando — e pergunta porque ama.

No meio do pão e da poeira, percebo: não é preciso escolher entre a catedral e o laboratório, entre a rosácea colorida e o espectro de absorção. A vitralaria e a espectroscopia querem a mesma coisa: transformar luz em sentido. Quando *Cosmos* aponta para o céu, *Darwin* olha para o chão, *Kuhn* reorganiza as cadeiras e *Hawking* marca o compasso, tudo isso é a vida tentando caber na frase certa. *Dawkins* observa as estratégias das mariposas; *Mukherjee* ouve o segredo das famílias; *Watson* abre uma gaveta nova; *Capra* respira; e, de repente, o mundo inteiro parece ter se aproximado um centímetro do entendimento — o suficiente para continuar.

Guardo os livros. Não há solenidade — só o gesto doméstico de quem devolve ferramentas à caixa. A ciência, afinal, é isso: uma oficina que começa na cozinha e termina no telescópio, passa pelo quintal, pela clínica, pela praça, pelo tribunal e volta pelo mesmo caminho, carregando parafuso a parafuso, hipótese a hipótese. E nós, cronistas do cotidiano, fazemos o inventário desse vai-e-vem: anotamos o que se mexe quando ninguém olha, colamos rótulos, trocamos de lugar, desmontamos e montamos de novo — e amamos essa desordem metódica que nos torna menos tolos diante do vasto.

Antes de sair, apago as janelas do arranha-céu de papel. A chaleira, enfim silenciosa, espelha a cozinha inteira num brilho convexo. Lá dentro, no reflexo, eu me vejo pequenino, comprimido pela curvatura, uma criatura recém-saída da concha do tempo. Sorrio, fecho a porta, e levo comigo a lembrança mais valiosa que esses livros oferecem: a certeza de que o espanto é portátil — cabe no bolso do casaco e acende quando a gente precisa atravessar um corredor escuro.

A cidade nos espera com suas equações mal resolvidas e seus pardais sem pressa. Hoje, de novo, seremos aprendizes. E que bom.